A PSICOPEDAGOGIA NOS PRIMEIROS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I

ADRIANA SOUZA DA CRUZ SANTOS

RESUMO:

O presente artigo aborda a relevância da psicopedagogia nos primeiros anos do Ensino Fundamental I, considerando o impacto crucial desse período no desenvolvimento cognitivo e socioemocional das crianças. Compreender a interação entre a psicologia e a pedagogia nesse contexto é fundamental para otimizar o processo de aprendizagem e enfrentar desafios específicos que surgem nessa fase crucial da formação educacional. O objetivo desta pesquisa é analisar a contribuição da psicopedagogia para o sucesso educacional nos anos iniciais do Ensino Fundamental I. Buscou-se identificar práticas e estratégias que promovam um ambiente de aprendizagem estimulante, levando em consideração as peculiaridades do desenvolvimento infantil. A abordagem metodológica adotada consistiu em uma pesquisa bibliográfica abrangente, que envolveu a análise crítica de obras relevantes no campo da psicopedagogia, psicologia da educação e pedagogia. A revisão da literatura proporcionou uma base teórica sólida para a compreensão dos fundamentos que embasam a atuação da psicopedagogia nos primeiros anos do Ensino Fundamental I. Os resultados obtidos destacam a importância da abordagem psicopedagógica na promoção de um ambiente educacional mais eficaz e inclusivo. Identificaram-se estratégias específicas, como a personalização do ensino, o estímulo à autonomia e a atenção às diferenças individuais, que se mostraram eficazes na promoção do desenvolvimento integral das crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental I. Concluiu-se que a integração da psicopedagogia nos primeiros anos do Ensino Fundamental I é crucial para superar desafios educacionais e maximizar o potencial de aprendizagem das crianças. A compreensão profunda das necessidades individuais, aliada a estratégias pedagógicas inovadoras, pode criar uma base sólida para o sucesso acadêmico e pessoal ao longo da vida.

Palavras-Chave: Psicopedagogia; Ensino Fundamental I; Desenvolvimento Infantil.

INTRODUÇÃO

A psicopedagogia é uma área nova que estuda o processo de aprendizagem e suas dificuldades, portanto, trabalha com a subjetividade do ser humano.

Este trabalho é o resultado de uma pesquisa bibliográfica sobre o tema em que foram utilizados livros e artigo de autores especialistas no assunto.

Foi possível dividi-lo em três capítulos. O primeiro apresenta a história da psicopedagogia e os conceitos em que se baseia; o segundo fala sobre o desenvolvimento infantil e como os conflitos emocionais vividos nessa fase podem repercutir posteriormente na forma de dificuldades de aprendizagem e, culminando com o quadro de fracasso escolar; o terceiro aborda o trabalho do psicopedagogo no geral, afunilando para a instituição escolar e finalmente para a criança que frequenta o Ensino Fundamental I, que é a faixa etária de seis a nove anos.

Dá especial ênfase à utilização de brincadeiras para a aproximação entre o terapeuta e a criança, devido ao fato de que o brincar é condição básica para a empatia e o relaxamento mental infantil possibilitando a manifestação de emoções negativas e positivas que as palavras não conseguem expressar.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 História da Psicopedagogia

Tudo começou no início do século XIX e, segundo Bossa (2000), com as primeiras iniciativas para atender crianças com dificuldades de aprendizagem, na França, onde o atendimento era feito por profissionais da Medicina, Psicologia, Psicanálise e Pedagogia, a princípio como testes psicológicos e foi lentamente expandindo-se e aprofundando-se.

Recebeu influências de outros campos de conhecimentos, como da linguística, da semiótica, da neuropsicologia, da psicofisiologia e da filosofia humanista-existencial. Esse atendimento alcançou sucesso e se espalhou por diferentes países, até que na década de 1950 tomou forma como área de conhecimento, graças a Jorge Visca, que é considerado pai da psicopedagogia, com a criação do Instituto de Psicopedagogia da Argentina, já na década de 1960.

Na Argentina, a Psicopedagogia se tornou atividade popular e rotineira, sendo desenvolvida na rede pública de ensino.

No Brasil, em 1932, houve o "Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova", um documento cujo redator principal foi Fernando de Azevedo, juntamente com um grupo de 26 educadores, que apresentou uma enorme preocupação pela renovação da educação brasileira. Como diz Ghiraldelli (1991, p.42): "Foi um longo documento dedicado ao governo e à nação que se pautou em linhas gerais, pela defesa da escola pública, laica e gratuita e por princípios pedagógicos renovados".

Nesse manifesto afirmam que a educação deveria ser voltada aos interesses de cada indivíduo, deveria ter o objetivo de formar cidadãos capazes de conviver adequadamente naquele contexto histórico e que a antiga ordem educacional já não satisfazia as exigências da nova ordem econômica e social. Porém, a Psicopedagogia no Brasil surgiu com esse nome, na década de 1960, por influência da Argentina, devido à proximidade geográfica e à presença de psicopedagogos argentinos ministrando cursos e desenvolvendo atividades no nosso país.

Começou então a se estruturar com trabalhos de alguns autores brasileiros preocupados com as deficiências que geravam problemas de aprendizagem. Os primeiros cursos e experiências psicopedagógicas surgiram por volta de 1970. Na década de 1980 foi criada a Escola Guatemala, no Rio de Janeiro, que iniciou um trabalho preventivo junto aos professores. Porém, no que se refere às ideias defendidas pela psicopedagogia, estas são mais antigas. Estudiosos como Montaigne, Locke, Comênio e outros, já defendiam uma educação significativa que respeitasse as individualidades, as diferentes formas de aprender de cada aluno e as dificuldades delas decorrentes.

Na década de 1980 foi criada a Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABP) que, com sede em São Paulo, conta com treze sessões em diferentes Estados brasileiros e dez núcleos regionais. Segundo Scoz (1990), embora a Psicopedagogia tenha surgido com o objetivo de reeducar as crianças com problemas de aprendizagem, hoje, ela se preocupa principalmente com a prevenção do fracasso escolar. O desafio da Psicopedagogia no Brasil é ver ampliado seu espaço de atendimento, principalmente nas escolas públicas.

2.2 Conceito de Psicopedagogia

Segundo Rubinstein (1992), quando surgiu, a psicopedagogia tinha uma visão da dificuldade de aprendizagem. Seu objetivo era fazer a reeducação das crianças portadoras de deficiências. Foi evoluindo e passou a considerar como objeto de estudo o processo de aprendizagem, levando em conta todas as variáveis que nele interferem. Então passou a ter como objetivo a investigação da etiologia da dificuldade, seu significado para a criança e sua família, a sua modalidade de aprendizagem e suas reais possibilidades para aprender.

Assim, a psicopedagogia passou a ser definida como uma área cujo objeto de estudo é o ser cognoscente e que tem como objetivo facilitar a construção da aprendizagem e da autonomia desse ser, identificando e clarificando os obstáculos que possam estar impedindo que esta construção se faça.

Existe um consenso entre teóricos sobre este objeto de estudo. WEISS (2000, p.6) afirma que "a psicopedagogia busca a melhoria das relações com a aprendizagem, assim como a melhor qualidade na construção da própria aprendizagem de alunos e educadores". Estas colocações reforçam a ideia de que a aprendizagem humana é, atualmente, o principal enfoque da "ciência" psicopedagógica.

O trabalho psicopedagógico pode adquirir um caráter preventivo ou clínico, de acordo com o tipo de atuação. O aspecto preventivo volta-se para questões didático-metodológicas como a formação e orientação do professor, além da reformulação da dinâmica institucional como um todo. O enfoque clínico preocupa-se com a relação estabelecida entre o sujeito e sua história de vida pessoal, sua modalidade de aprendizagem buscando compreender o quê, como e por que o sujeito aprende. Para identificar a falha na aprendizagem o psicopedagogo recorre a critérios diagnósticos.

Segundo Bossa (2000, p.21), "o enfoque é clínico porque envolve sempre um processo diagnóstico ou de investigação que precede o plano de trabalho", no entanto, as intervenções psicopedagógicas, ou seja, o tratamento acontece também na fase diagnóstica e vice-versa. Fernández (1991, p. 44) diz que "o diagnóstico não completa o olhar interpretativo nem diagnóstico, todo processo terapêutico é também diagnóstico".

2.3 A Aprendizagem e a não-aprendizagem

Aprender a ler exige novas habilidades, novos desafios à criança com relação ao seu conhecimento da linguagem. Por isso, aprender a ler é uma tarefa complexa e difícil para todas as crianças. Mas todas as crianças desejam aprender a ler e a escrever e chegam à escola ansiando por isso. Porém em alguns casos, essa vontade inicial vai se desvanecendo e o sonho se torna pesadelo.

Segundo Ferreiro (1989, p. 73),

quando as crianças não conseguem atender às expectativas da professora, conclui-se que elas têm problemas, pois a escola se programa para um modelo de bom aluno, mas nem todas as crianças se adaptam dentro desse modelo, quando isso acontece os professores recorrem às muletas para explicar tal situação: "estas crianças não podem aprender porque não há ajuda familiar, falta de maturidade, suposta lesão cerebral mínima ou transtornos do tipo: psicomotora, na fonação, percepção, etc..."

Então, segundo Torres (1999, p. 12), essas crianças acabam aprendendo que não poderão aprender, buscam estratégias de sobrevivência nesse sistema, tentam adequar-se às normas e copiam do quadro mesmo sem saber como e porquê. Outras se recusam a copiar, procuram outras atividades para fazer, surgindo a indisciplina. Surge então nessas crianças a acomodação e a crença de que nunca aprenderão. Várias pesquisas afirmam que o fracasso na leitura constitui uma das principais causas de repetência ou atraso escolar. Cerca da metade dos alunos de primeira série têm problemas relacionados com aprendizagem inicial da leitura e escrita e, nos casos dos alunos provenientes de famílias de baixa renda, essa porcentagem sobe para 60%.

2.4 O Desenvolvimento Infantil

Segundo Bossa (2000), o desenvolvimento é um processo interior e a aprendizagem é exterior. Portanto, quanto mais o ambiente social fornecer estímulos, maior será o desenvolvimento, quanto mais se aprende mais se desenvolve, porque desenvolvimento e aprendizagem andam juntos. Em contra partida: quanto menos estímulos e vínculos estruturantes a criança encontrar, principalmente na fase inicial da infância, menos aprenderá, menos se desenvolverá e mais dramática será sua formação psíquica, visto que, maiores serão seus momentos de alucinação e fantasia visando suprir déficits do ambiente externo.

No contato da criança com a mãe, através do "olhar no olho", é que a criança desenvolve a concentração; pelo toque e brincadeiras é que ela aprende a reconhecer limites e ultrapassar obstáculos, definindo assim sua posição no mundo.

Se esse contato for com uma "mãe suficientemente boa" como diz Winnicott (1982), a criança conseguirá interpretar e responder adequadamente às suas necessidades e emoções, percebendo-se como sujeito no mundo, capaz de identificar e expressar corretamente seus sentimentos.

Segundo Piaget (1972), é preciso considerar a influência da carga genética e do meio onde o sujeito vive. Os estímulos ambientais são preciosos no processo de desenvolvimento das estruturas mentais. A maturação neurofisiológica é importante porque existe um equipamento neurofisiológico de base, cuja maturação é fortemente determinada por fatores biológicos.

A própria estrutura do Sistema Nervoso Central e a embriogênese, são fatores a serem ponderados, mas o meio também intervém no processo de maturação individual. Portanto, algumas aquisições cognitivas são possíveis porque correspondem às fases de particular sensibilidade. Passada essa fase privilegiada, a aquisição torna-se impossível ou desnaturada. Por isso, todo o estímulo, desde o nascimento, é muito importante para que o desenvolvimento do funcionamento mental se realize normalmente.

Piaget entende o desenvolvimento cognitivo como a busca de um equilíbrio superior, num processo de "equilibração progressiva constante", passando de um estado de menor equilíbrio para um estado de equilíbrio superior. Nesse processo, vão surgindo novas estruturas e novas formas de conhecimento.

A capacidade de atribuir sentido à realidade depende das estruturas cognitivas que o homem possui. As estruturas de que dispõe um adulto (pensamento formal), são diferentes daquelas que dispõe um bebê ou uma criança.

Observando as fases do desenvolvimento do pensamento, desde o período sensório-motor até o operatório-formal, percebe-se que os estímulos externos contribuem para que o aparelho psíquico se adapte à realidade externa, aumentando cada vez mais a importância dos órgãos sensoriais, surgindo assim, a atenção, a memória e os pensamentos.

Em Chateau (1987), encontramos que a criança, ao desenvolver-se adequadamente, tende a construir novos conceitos, produtos da aprendizagem formal emitida pela escola. Por isso é importante que a instituição escolar busque novos caminhos facilitadores para o processo ensino-aprendizagem, com o intuito de aumentar a qualidade do ensino e despertar a curiosidade nos alunos, motivando-os para uma aprendizagem significativa.

2.5 Causas dos problemas de aprendizagem

Quando a criança chega à escola traz consigo o seu conhecimento de mundo adquirido através de experiências de aprendizagem, na família e no meio social, que nem

sempre são consideradas pelo professor. Embora muitas vezes não seja ainda alfabetizada, nem conheça os símbolos do alfabeto, já estabelece relações entre significante e significado.

Na escola, a criança entrará em contato com todos os que a formam, inclusive com o professor, cuja atuação tem o objetivo de formar o cidadão e prepará-lo para viver em sociedade. A relação professor-aluno será muito importante para o desenvolvimento dessa criança, porque é o primeiro contato dela com o conhecimento de alguém de fora do seu círculo familiar e social.

Essa vivência entre a criança, o professor e todos os que compõem a escola, sem dúvida irá influenciá-la. Inconscientemente ela passará a comparar e a refletir sobre as semelhanças e as diferenças de valores e comportamentos. A função do professor é ser o facilitador do desenvolvimento dos alunos e por isso deve estar atento para as questões referentes ao respeito mútuo, de poder, de limites e de autoridade. Deve ter a consciência de que dele é a responsabilidade de instrumentalizar e orientar os alunos para que adquiram conhecimentos e para que apliquem esse aprendizado agora e na fase adulta.

Tudo isso é possível através do planejamento das aulas, com conteúdo e métodos adequados à sua proposta; da cobrança da constância no cumprimento das tarefas escolares; do respeito no relacionamento entre todos; não permitindo a negligência, com atitudes firmes e serenas. Deve ater-se ao senso de justiça, ao uso de linguagem compreensível e ao apoio às dificuldades.

Segundo Scoz (1994, p. 71), há duas influências importantes a se considerar que refletem na aprendizagem das crianças. Em primeiro lugar está a influência familiar porque é grande e decisiva. Os filhos de pais extremamente ausentes vivenciam sentimentos de desvalorização e carência afetiva, gerando desconfiança, insegurança, improdutividade e desinteresse. Esses sentimentos acabam se transformando em sérios obstáculos à aprendizagem escolar.

Em segundo lugar está a influência da mídia. A esse respeito Libânio (2000, p.72) explica que a televisão tem sido um instrumento cada vez mais poderoso no processo de socialização. "Um dos aspectos negativos dessa influência é a tendência à passividade e à dependência das crianças, prejudicando o desenvolvimento pleno de suas capacidades cognitivas e socioafetivas.

2.6 A psicopedagogia na escola

A psicopedagogia surgiu com o intuito de procurar sanar os problemas de aprendizagem e modificar a realidade escolar. Tem como alicerce a Pedagogia, que se preocupa com o conhecimento cognitivo e intelectual, e a Psicologia, que é voltada para o bem estar do indivíduo.

O psicopedagogo um profissional capacitado para atuar junto à aprendizagem humana, considerando-se todas as dimensões desse processo, muito além das questões relacionadas aos problemas de aprendizagem. Atua em três diferentes possibilidades da psicopedagogia:

Clínica ou Curativa, que tem como objetivo devolver à pessoa com dificuldades o desejo e a possibilidade de aprender.

Preventiva, que tem como objetivo o aperfeiçoamento das práticas educativas, facilitando o processo de aprendizagem, atenuando ou evitando os problemas.

Pesquisa Científica, onde terá a oportunidade de contribuir para o fortalecimento da Psicopedagogia e para o aperfeiçoamento do trabalho junto às crianças e jovens.

No Brasil, inicialmente, a prática psicopedagógica se restringia aos consultórios e clínicas, para tratar crianças com problemas de aprendizagem, individualmente. Atualmente, o espaço para a Psicopedagogia se ampliou. Aumentou o número de instituições escolares, hospitais e empresas que contam com a atuação do psicopedagogo. Nessas instituições o atendimento é preferencialmente preventivo e se dirige a grupos específicos ou à instituição como um todo.

Assim, nas Instituições de Saúde, o atendimento psicopedagógico representa uma alternativa de apoio ao paciente na medida em que visa minimizar perdas e diminuir o impacto causado pela doença.

Nas empresas, o psicopedagogo atua ampliando formas de treinamento, desenvolvendo a criatividade e a melhoria das relações, propondo e coordenando cursos de atualização.

Na Instituição Escolar a psicopedagogia tem como objetivo ampliar as possibilidades de aprendizagem de todos. O psicopedagogo, como assessor ou membro da equipe, ouve e discute os assuntos escolares, propõe mudanças, auxilia na elaboração de propostas educativas, faz a mediação entre os alunos, professores, famílias e funcionários, que são grupos envolvidos na relação ensino-aprendizagem na escola, cria e aprimora metodologias e estratégias mais adequadas, para garantir melhor aprendizagem; colabora com os professores ampliando os conhecimentos sobre seus alunos.

A crescente preocupação com a reflexão teórica sobre a prática psicopedagógica, que se observa através do número de traba-

lhos publicados tem contribuído para o seu crescimento e aprofundamento como ciência.

2.7 Na Instituição Escolar

O trabalho do Psicopedagogo na Escola pode ser realizado de duas formas:

A primeira é voltada para o grupo de alunos com algum tipo de dificuldade (aprendizagem/relacionamento). Neste caso o objetivo é reintegrar o aluno à situação de sala de aula, respeitando as suas necessidades e ritmos. A meta é desenvolver suas funções cognitivas integradas ao afetivo, desbloqueando e canalizando o aluno gradualmente para a aprendizagem dos conceitos, conforme os objetivos da aprendizagem formal.

A segunda, é direcionada à assessoria a pedagogos, orientadores e professores. O objetivo é trabalhar as questões pertinentes às relações de vínculo com o aluno, redefinindo os procedimentos pedagógicos. A meta é integrar o afetivo e o cognitivo para levar à aprendizagem dos conceitos das diferentes áreas do conhecimento.

Como ação preventiva, deve adotar uma postura crítica em relação ao fracasso escolar, propondo novas ações e formas de abordagem, visando levar o professor a ensinar com prazer para os alunos possam aprender com prazer.

2.8 O Psicopedagogo e a criança de Ensino Fundamental - I

A forma de agir dos profissionais varia, dependendo da postura teórica adotada, além do fato de que cada caso é um caso. Em geral, o diagnóstico psicopedagógico é obtido através de entrevistas e anamnese, provas psicomotoras, de linguagem, de nível mental, pedagógicas, de percepção, projetivas e outras, conforme o referencial adotado pelo profissional.

De qualquer forma a observação é fundamental, principalmente durante a obtenção da produção do sujeito, no momento do diagnóstico. O estar atento às mensagens contidas em um olhar, em um silêncio, em um gesto, em uma recusa. Mais importante do que os instrumentos utilizados é a atitude do profissional frente à mensagem do cliente.

Geralmente quando uma criança é encaminhada ao psicopedagogo, pela professora da escola, ela já tem histórico de fracasso escolar. Por isso, apresenta-se muito negativa, ela não acredita mais em si mesma, duvida de suas habilidades e potencialidades generalizando uma dificuldade para outras áreas que domina. Se lhe for perguntado sobre o que sabe fazer melhor, a maioria não sabe responder, pois se acham incapazes de fazer qualquer coisa. E isso não é verdade porque todo mundo tem habilidade para alguma coisa. O problema é que elas chegaram ao ponto de pensar que não servem para nada.

A expressão “fracasso escolar” é muito ampla. Há casos de disfunção orgânica, como imaturidade e disfunção psiconeurológica. Porém, há casos em que as manifestações pedagógicas são semelhantes, mas as causas são outras. Uma criança pode apresentar irregularidade no traçado das letras e a causa não ser decorrente de alterações de ordem motora. Dificuldades gráficas podem decorrer de instabilidade emocional e da falta de experiências com instrumentos de escrita.

Antes de trabalhar a dificuldade de aprendizagem desse aluno, é imprescindível que se conheça um pouco de sua história e se faça uma reflexão sobre sua vida, dúvidas, conflitos e incertezas. É necessário direcioná-la para perceber suas habilidades, de forma a mostrar que aquelas dificuldades são momentâneas e podem ser superadas. Na sua linguagem, que não se trata de um “Bicho Papão”, mas de um “bicho papinha”, que ela é “Super” e tem condição para vencer.

Em muitos casos a dificuldade teve seu alicerce na alfabetização e foi se arrastando e se avolumando de uma série para outra. Outras vezes tem raízes mais profundas e envolve problemas familiares e sociais. O segundo passo é descobrir como se dá o processo de aprendizagem para essa criança.

Inicia-se propondo uma brincadeira, porque toda criança gosta de brincar. A brincadeira tem duas funções principais, inicialmente: primeiro como instrumento de aproximação entre a criança e o terapeuta; segundo porque, durante a brincadeira a criança vai relaxando e se soltando, alcançando a condição necessária para a espontaneidade.

Enquanto a criança brinca, o profissional a observa e tenta descobrir suas fantasias inconscientes, procurando perceber a criança em toda a sua singularidade, para formar o diagnóstico e desenvolver a terapia.

Segundo Bossa (2.000, p.15) a modalidade do brincar é uma ferramenta para o diagnóstico psicopedagógico, um denunciador de patologias. Muitos adultos que não puderam elaborar situações traumáticas e dolorosas foram crianças aparentemente normais, que não haviam brincado. Afirma ainda que “O aparecimento e o desapareci-

mento de um modo de brincar está relacionado à maturação e ao desenvolvimento da criança".

Aberastury (1992) considera, do ponto de vista psicanalítico, que os jogos infantis reproduzem situações psíquicas estruturantes na constituição do eu. Os jogos de esconder-aparecer significam a expressão do primeiro vínculo, mãe-filho, e a descoberta pela criança da mãe como objeto de amor separado de si. Os jogos orais, como a brincadeira de fazer comidinha, simbolizam as possibilidades internalizadas de dar e receber amor. É a partir desses jogos e brincadeiras com a "mãe suficientemente boa" (ou quem fizer esse papel), que a criança vai estruturando uma modalidade de incorporação, ligada às questões de aprendizagem.

Para a criança não há gesto desperdiçado, todos e qualquer um será aproveitado para moldar sua percepção da realidade. Muitos dos problemas de aprendizagem podem estar ligados a falhas nessas relações.

Através da formação e utilização das manifestações simbólicas do brincar e do jogar, como: linguagem, imagem mental, brincadeira simbólicas, desenho representativo, imitação de um modelo, fabulação lúdica, a criança vai percebendo-se como criadora de sua própria história de modo ativo e interativo, conscientizando-se de suas ações, passando a aceitar as explicações dos adultos e reestruturando suas hipóteses.

Piaget (apud Oliveira, 2.000, p.33 e 34) explica que, na brincadeira, "a criança dá mergulhos cada vez mais profundos e traz à tona situações cheias de emoção". A brincadeira simbólica, por estar entre a realidade e a fantasia, entre o consciente e o inconsciente, dá à criança condições de se aproximar de conteúdos angustiantes, de viver os medos e tensões de outros e, portanto, de compreender e representar melhor as relações vividas. A brincadeira facilita o contato com o mundo interno e externo. Assim, através de jogos, brincadeiras, desenhos, a psicopedagogia tem a oportunidade de adentrar ao mundo dessa criança e detectar a falha, que se expressa como dificuldade de aprendizagem.

Fernández (1991) escreve que o aprender é um diálogo com o outro e depende da energia desejante, que é o desejo de dominar, é a alegria da descoberta. Para aprender precisamos da criatividade, do desejo e das ferramentas. A aprendizagem mais profunda se dá com a brincadeira porque o espaço mental do aprender é o mesmo do brincar.

A ação psicopedagógica deve propor jogos e brincadeiras como proposta de intervenção, visando a reconstrução, o resgate do prazer de aprender. O jogo deve estar contextualizado e desenvolver o diálogo entre terapeuta e paciente. No final a criança deve responder à pergunta: "O que você aprendeu hoje?". O objetivo de se fazer perguntas constantes para a criança é entender como ela pensa espontaneamente, por isso é importante deixá-la expressar-se livremente, e, ao mesmo tempo ter uma hipótese baseada em uma teoria orientadora.

Para Weiss (2004, p.131), "A relação entre terapeuta e paciente nasce da maneira aberta, relaxada, acolhedora, sorridente, com que nos dirigimos à criança e ao adolescente. " O psicopedagogo deve tornar possível a alegria, durante seu atendimento e terapia, inclusive nos momentos de desafio e de crítica. É fundamental falar dos aspectos positivos do paciente, valorizando o que ele faz de melhor. Isso é importante para a reformulação da autoimagem e de avaliações destorcidas feitas pelos pais.

O psicopedagogo ao fazer uso de jogos e brincadeiras em sua atuação, consegue compreender como aquela criança vê e constrói o mundo, ou como ela gostaria que fosse, porque na brincadeira ela vai expressar o que teria dificuldade de colocar em palavras. Nenhuma criança brinca só para passar o tempo, sua escolha é motivada por processos íntimos, desejos, ansiedades. O que está acontecendo na sua psique determina suas atividades lúdicas, pois brincar é a sua linguagem secreta, que deve ser respeitada mesmo quando não é entendida.

Geralmente o psicopedagogo utiliza de 8 a 10 sessões, sendo duas por semana, com duração de 50 minutos cada, para definir o diagnóstico. O tratamento poderá ser feito com o próprio profissional que diagnosticou ou com outro, através de várias atividades e os recursos mais comuns são jogos, desenhos, brincadeiras, conto de histórias, computador e outras situações que forem oportunas, porque a criança, muitas vezes, não consegue falar sobre seus problemas, mas consegue se expressar nas brincadeiras. É através dos jogos que a criança adquire maturidade, aprende a ter limites, aprende a ganhar e A perder, desenvolve o raciocínio, aprende a se concentrar, adquire maior atenção.

O psicopedagogo solicitará, algumas vezes, as tarefas escolares, observando cadernos, olhando a organização e os possíveis erros, ajudando a compreender estes erros. Irá ajudar a criança ou adolescente, a encontrar a melhor forma de estudar para que ocorra a aprendizagem, organizando assim, o seu modelo de aprendizagem.

O profissional poderá ir até a escola para conversar com o(a) professor(a), que é quem tem o contato diário com o aluno e poderá dar muitas informações que possam ajudar no tratamento. Poderá também encaminhar seu paciente para outros profissionais (psicólogo, fonoaudiólogo, etc.) se perceber a necessidade. Conversará com os

pais para orientá-los, dependendo do caso. É fundamental ao psicopedagogo saber observar e saber ouvir seu paciente, inspirando credibilidade e conquistando a confiança, buscando interagir para detectar nessa criança como se dá o Inter jogo entre o desejo de conhecer e o de ignorar.

Segundo Andrade (2004), as brincadeiras como intervenção psicopedagógica vão auxiliar na formação de processos interiores da criança, na ressignificação de vínculos negativos, na reelaboração dos conflitos interiores, na assimilação de limites e regras, na reestruturação de vínculos de confiança que foram perdidos. Isso tudo, sem dúvida vai refletir positivamente na sua aprendizagem e na sua vida social, impulsionando assim o seu desenvolvimento.

3 CONCLUSÃO

Nos últimos cinquenta anos temos assistido a Psicopedagogia ganhar status de área de conhecimentos, caminhando para transformar-se em ciência. Aos poucos foi se modificando, se aprofundando, de alternativa para crianças com alguma deficiência, passou a prevenção, abarcando alunos de todas as idades e professores, na área escolar. Sem contar sua expansão para outras áreas, como a da saúde, a empresarial (treinamento de funcionários) e outras.

Acompanhando a evolução da psicologia e da psiquiatria, no que se refere ao desenvolvimento emocional e psíquico do ser humano, muito tem contribuído para a pedagogia, com novas formas de aprender e ensinar.

No Ensino Fundamental I é a fase em que as crianças mais encontram dificuldades e os bloqueios se tornam mais perceptíveis.

Toda criança se sente atraída, estimulada para aprender, principalmente a ler e escrever, na idade pré-escolar, porque será então que algumas encontram tanta dificuldade, a ponto de se acomodarem e acreditarem que nunca vão conseguir aprender?

As causas podem estar ocultas em problemas emocionais sofridos na família, em falhas ocorridas durante a alfabetização, que vão se acumulando e acabam por repercutir nas séries seguintes, manifestando-se a princípio como dificuldade de aprendizagem, posteriormente levando ao fracasso escolar.

Esse é o objeto de trabalho do psicopedagogo e seu objetivo é descobrir como se dá para essa criança a construção do conhecimento, onde ocorreu a falha e como saná-la, devolvendo a esse aluno a confiança em si mesmo, na sua capacidade.

Para isso, é preciso primeiro ter acesso ao mundo interior dessa criança e a senha que permite esse acesso é o brincar, que vai aproximar terapeuta e paciente. Depois, como segundo passo, serão usadas como ferramentas as atividades que as crianças mais gostam de lhes dão prazer: os desenhos, os jogos e as brincadeiras, tanto para se chegar ao diagnóstico, quanto como terapia.

Muitas vezes será necessário envolver a família e o professor para auxiliar no tratamento, mas o intuito é sempre resgatar a autoestima e o desejo de vencer os desafios que pela vida surgirem, com confiança e alegria.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. A Criança e seus jogos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

ANDRADE, M. A. R. A. de. A creche enquanto espaço de ações das políticas públicas destinadas à infância. Serviço Social e Realidade (Franca), v.13, n.2, p.79-88, 2004

BOSSA, N.A. A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CHATEAU, J. O jogo e a criança. 2ª ed., São Paulo: Summus, 1987

FERNÁNDEZ, Alicia. A inteligência aprisionada. Porto Alegre: ArtMed, 1991. p.44.

FERREIRO, Emília. Alternativas para a compreensão do analfabetismo na região. Revista Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 14, n. 21, p. 70-80, jan/jun. 1989

GHIRALDELLI, P. História da educação. São Paulo: Cortez, 1991.

LIBÂNEO, José Carlos. 2000. Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente. 4ª ed. São Paulo Cortez, 2.000.

PIAGET, J. Os Estágios do Desenvolvimento Intelectual da Criança e do Adolescente. In.: Piaget. Rio de Janeiro: Forense, 1972.

RUBINSTEIN, E. In: SCOZ et al. Psicopedagogia: contextualização, formação e atuação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

SCOZ, Beatriz. et. al. Psicopedagogia: o caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

TORRES, Rosa Maria. Repetência escolar: falha do aluno ou falha do sistema. Revista Pedagógica Pátio, POA, 1999, ano 3, n. 11, p. 9-11, nov/jan.

WEISS, M. L. Reflexões sobre o diagnóstico psicopedagógico. In: Bossa, N.A. Psicopedagogia no Brasil. Porto Alegre: Artmed, 2000.

WINNICOTT, D. W. A. A criança e o seu mundo. 6 ª ed. Rio de Janeiro, Guanabara: Koogan S.A., 1982.